

EDITORIAL

Uma política

A «massa cinzenta» é hoje aceite como factor principal do desenvolvimento económico e social dos países.

Obviamente, a «massa cinzenta» referida não é qualquer mas a que pelo trabalho, estudo e reflexão alcança um alto nível inventivo.

Os políticos de todos os tempos reconheceram nesta «massa cinzenta» um dos melhores factores do poderio e por isso os que chefiaram impérios sempre a procuraram atrair às suas metrópoles. Também, em todos os tempos se constatou que as suas qualidades inventivas se exacerbavam quando as «massas cinzentas» eram postas em contacto umas com as outras, o que explica terem sido sempre atraídas para os pólos de maior calor intelectual. É junto a esse calor que elas encontram o seu natural «habitat», o local onde sentem poderem «render mais».

Hoje o fenómeno da migração das «massas cinzentas» para junto dos grandes centros de investigação está a atingir dimensões gigantescas o que, como se compreende, sobressalta e traz preocupados os povos menos evoluídos por atribuírem estes ao êxodo dos seus melhores valores o distanciamento sempre mais acentuado entre o seu nível de vida e aquele dos povos mais industrializados.

No ponto de vista cosmopolita — que tem em conta que o Mundo fatalmente se está fazendo uno — a concentração da «massa cinzenta» que é de presumir que assim se origine, não pode deixar de ser encarada como benéfica para o progredimento da ciência e da técnica e, decorrentemente, numa análise superficial, como sendo favorável ao bem-estar do Mundo no seu conjunto.

No ponto de vista nacionalista a posição é outra. Aqui o bem-estar imediato da geração presente tem primazia, e recela-se que se este bem-estar não for devidamente cuidado se crie nesses povos abatimento moral e mesmo revolta o que a verificar-se anularia os possíveis benefícios que ao conjunto possa trazer a concentração da «massa cinzenta».

No balanceamento dos prós e contras destas duas posições verifica-se que a posição nacionalista tem também a «sua verdade» porquanto a curto prazo parece ser criadora duma maior soma de felicidade.

Actualmente o pólo de atracção para a «massa cinzenta»

é a América do Norte. Mas são ainda de marcada importância os da Rússia, Canadá e Japão e mostra já vigor notório o da China.

No coração de muitos europeus palpita já há anos, como anseio, o desejo da criação através dum entendimento político-económico dum «nacionalismo europeu». No quadro desse desejado «nacionalismo» a Europa passaria a ter condições para se tornar um centro de atracção de «massa cinzenta» de poder porventura não inferior ao dos Estados Unidos. Os anos têm vindo a passar-se sem que este propósito tenha tido concretização. A divisão política tradicional com as suas línguas próprias e os seus costumes e religiões particulares tem sido estorvo à criação desse «nacionalismo», pelo que no momento actual, não se futura para breve uma Europa unida num nacionalismo e tornando-se pólo de atracção dos melhores cientistas e dos melhores técnicos do Mundo.

É no quadro desta realidade que temos nós os portugueses que nos inserir optar e agir. Certo que a nossa partida foi da Europa, e de que de muitas maneiras nos sentimos europeus, mas, a verdade é que o que há de mais fundamental no nosso nacionalismo, a «língua», é hoje mais falada no Continente Americano que aqui na Europa.

No âmbito nacionalista sente-se assim que a promoção portuguesa no campo científico e no tecnológico deveria assentar numa colaboração tão íntima quanto possível com o Brasil. A nossa «massa cinzenta» ao contacto com a «massa cinzenta» brasileira não pode deixar de exacerbar as suas qualidades inventivas porquanto o Brasil só por si tem dimensão para ser suporte duma investigação desenvolvida e duma tecnologia competitiva. A «massa cinzenta» brasileira, por outro lado, é aqui, onde, sem se desnacionalizar, melhor poderá sentir a imaginação e o pensamento europeu. Assim, no âmbito dum nacionalismo lusiada, a que ambos pertencem, os dois países, Portugal e Brasil, deveriam estabelecer como propósito fundamental da sua política, o de trabalharem sempre juntos no desenvolvimento da ciência e das tecnologias.

Porque não ter essa política? Porque não perseverar nesse sentido?